

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG**

**GEOVANA LEJANOSKI ZANELLA**

**RAFAEL HENRIQUE DOS SANTOS**

**ASPECTOS DA LEITURA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS INDIVÍDUOS**

**CASCADEL, PR**

**2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG**

**GEOVANA LEJANOSKI ZANELLA**

**RAFAEL HENRIQUE DOS SANTOS**

## **ASPECTOS DA LEITURA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS INDIVÍDUOS**

Trabalho apresentado no Curso de Letras, como requisito fundamental para a aquisição do título de licenciado em Letras pelo Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

**Professora Orientadora:** Adriana Boeira

**CASCADEL, PR**

**2021**

## ASPECTOS DA LEITURA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS INDIVÍDUOS

LEJANOSKI ZANELLA, Geovana<sup>1</sup>  
DOS SANTOS, Rafael Henrique<sup>2</sup>  
BOEIRA, Adriana<sup>3</sup>

### RESUMO:

As discussões recorrentes a respeito de se construir o hábito da leitura e formar leitores críticos revela a importância de refletirmos sobre todos os aspectos e mecanismos que constituem o sujeito-leitor. Tendo em vista a concepção de que o sujeito se constitui como leitor dentro de uma memória social da leitura, e que existem vários tipos e níveis de leitura, faz-se fundamental compreender como acontece este funcionamento, analisando a perspectiva histórica, que de certa forma condiciona o leitor, esta corrobora para que se alcance o objetivo principal do estudo, que é provocar reflexões acerca dos aspectos que envolvem o exercício da leitura e quais são suas contribuições para a interpretação de textos e a formação de leitores proficientes, haja vista que esta prática influencia diretamente na formação do pensamento crítico. Ademais, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois os aprofundamentos na temática foram realizados por meio de leituras, análises e reflexões em livros e artigos de autores que abordam o tema. Nesse contexto, a fundamentação teórica que organiza as reflexões sustenta-se em Cabral (1983), Duke e Pearson (2002), Kleiman (2004), Leffa (1996), Martins (2006), Santos et al., (2012) e Solé (1998), Matos (2020), Diniz (2008), Corrêa (2020), entre outros.

**Palavras-Chave:** Leitura; Leitor Crítico; Autonomia.

### TÍTULO DO ARTIGO: SUBTÍTULO DO ARTIGO EM LÍNGUA INGLESA

### ABSTRACT:

The recurrent discussions about building the habit of reading and forming critical readers reveals the importance of reflect on all aspects and mechanisms that constitute the subject-reader. In view of the conception that the subject constitutes himself as a reader within the of a social memory of reading, and that there are various types and levels of reading, it is essential to understand how this functioning happens analyzing the historical perspective, which in a way conditions the reader, it corroborates to achieve the main objective of the study, which is to provoke reflections on the aspects that involve the exercise of reading and what are their contributions to the interpretation of texts and the formation of readers since this practice directly influences the formation of critical thinking. Moreover, the present work is a research bibliographic, because the deepening of the theme was carried out through readings, analyses and reflections in books and articles by authors that address the the theme. In this context, the theoretical foundation that organizes the reflections is based on Cabral (1983), Duke e Pearson (2002), Kleiman (2004), Leffa (1996), Martins (2006), Santos et al., (2012) e Solé (1998), Matos (2020), Diniz (2008), Corrêa (2020), among others.

**KEYWORDS:** Reading; Critical Reader; Autonomy.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil apresenta-se muito fragilizada quando se trata do trabalho com a leitura, apesar de ser um tema discutido por muitos autores, ainda se faz necessário continuar discorrendo sobre esta temática, pois a falta desta prática acarreta na incapacidade de compreender e criticar textos que circulam na sociedade.

Dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), demonstram que, no ano de 2015, os estudantes tinham muita dificuldade com a leitura, compreensão e escrita. Estes também apontaram que 44,5% dos alunos estavam abaixo do nível de aprendizagem, que é considerado adequado em relação à leitura.

Convém ressaltar que o processo da leitura é de extrema relevância para a formação de cidadãos críticos, e com isso, vários fatores vigoram nesse desenvolvimento, deste modo, primeiramente, o foco está na relevância do ato de ler, pois é observado as contribuições de sua prática habitual gerada pelo indivíduo que tem domínio sobre a mesma. Portanto, a importância desse processo gera fatores e benefícios para o leitor, dentre os quais se destacam o aperfeiçoamento da linguística falada, a própria escrita mais sofisticada, uma interação mais contundente no processo de comunicação, desta forma, é de mais valia a apresentação da leitura dentro do espaço escolar.

Por conseguinte, a formação do leitor crítico necessita de um processo contínuo de aprendizagem e este movimento precisa ser atrelado às necessidades do mesmo. Logo, o objetivo é analisar as variadas práticas de leituras que podem desenvolver nos alunos a capacidade de compreender o que está escrito, a partir das relações que se estabelecem entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo. E, conseqüentemente, abordar o aspecto de que a leitura não é apenas um processo de decodificação, ler é atribuir sentidos, e, ao realizar uma leitura, o leitor é capaz de refletir sobre o texto que leu, de criticá-lo, ao modo de saber como usá-lo em sua vida.

## 2 DEFINIÇÃO E O ATO DA LEITURA

Nos dias atuais, pode-se pensar e encontrar diversas definições para o que é leitura. Leffa (1996) a define como uma representação, ler é olhar para uma coisa e ver outra, pois quando se olha pra uma palavra, observa-se um amontoado de letras, mas que na cabeça dos leitores, forma-se com sentido. Enquanto, Cosson (2014, p. 39) define leitura como algo expresso pelo autor e assimilado pelo leitor, levando em conta o contexto em que ambos estão inseridos, na qual ponto de partida é buscar o que o autor quer dizer.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53).

Desse modo, a leitura se constitui na interação entre autor, leitor e texto. Processo este que envolve fatores sociais e cognitivos e exerce diferentes finalidades, podendo variar desde uma receita até um jornal. A leitura é um ato social entre sujeito e leitor que obedece a determinações pré-estabelecidas e não apenas um ato cognitivo (KLEIMAN, 2004).

Martins (2006) diz que a leitura é uma experiência consigo mesmo, e pode ser definida como a decodificação de signos linguísticos e compreensão destes signos. Mas não é só isso, por muito tempo a leitura foi vista apenas como uma decodificação, um processo meramente mecânico, mas hoje se pode pensar em um conceito de leitura muito mais abrangente, envolvendo o pensamento crítico de cada leitor.

Segundo Leffa (1996, p. 11): “Pode-se definir restritamente o processo da leitura, contrastando-se duas definições antagônicas: (a) ler é extrair significado do texto e (b) ler é atribuir significado ao texto”. A primeira definição que o autor apresenta pode ser considerada o processo de decodificação, ou seja, decifrar o seu código escrito e captar o seu significado.

Para um melhor entendimento destes processos, pode-se pensar nas etapas apresentadas por Cabral (1986), denominadas como: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

Na decodificação, o leitor entende os símbolos escritos e os associa a seus significados. Para que o processo de leitura seja realmente efetivo, o indivíduo precisa usar da decodificação para que de maneira bruta, consiga juntar as palavras para que a frase apresente o seu significado (CABRAL, 1986).

A fase da compreensão, acontece quando o leitor identifica sentido no texto. Entretanto, nesta fase ele é capaz de compreender apenas o que está explícito no texto. Dessa forma, o ato de compreensão é basicamente entender o que está escrito dentro do texto, mas não o abranger para fora, focar apenas no que foi lido. Vários aspectos acarretam esta compreensão, como pontuação e palavras chaves, nas enunciações de Cabral (1986).

A interpretação é uma fase mais profunda, na qual o autor é capaz de interagir com o texto, fazer inferências sobre o mesmo e também destacar coisas que não estão explícitas. É o momento que o leitor usa da crítica com o texto (CABRAL, 1986).

Na retenção, o leitor assimila o que foi lido e faz junção com os seus conhecimentos prévios (CABRAL, 1986).

A segunda definição apresentada por Leffa (1996), trata-se da interpretação do texto que se lê. Cada pessoa traz consigo uma bagagem de conhecimento, cada dia que passa, cada livro que se lê, cada informação nova que nos é disponibilizada, é propiciada em conjunto a essa nossa bagagem já existente. Tal bagagem é de grande valia quando se interpreta algo, compreende-se o que está escrito e reflete-se a partir daquilo, levando em conta todo conhecimento já disposto.

Deste modo, para Kleiman (2004), é por intermédio da interação de diversos tipos de conhecimentos que o leitor consegue atribuir sentido ao texto, sem o engajamento deste conhecimento prévio do leitor não existe compreensão.

Já nos pressupostos de Martins (2006), este também traz o processo de leitura como uma decodificação de sinais em que o leitor dá sentido a estes. A partir disso, a autora define a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não se importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 2006, p. 30).

Ressalta-se que uma das características da leitura é a linearidade, pois os olhos percorrem as frases da esquerda para a direita, decodificando e reconhecendo

cada palavra que ali está escrito, quando ocorre essa decodificação, de primeiro momento, o seu entendimento é para ser algo fácil.

Segundo Leffa (1996) há uma análise do movimento dos olhos no ato da leitura. Este movimento tem despertado interesse dos pesquisadores, visto que varia não só de pessoa para pessoa, mas também, em relação a apresentação gráfica de um texto. O número de fixações regressivas (os olhos retornarem a palavras anteriores do texto) mede não só as características do texto, mas também processos mentais envolvidos. Portanto, bons e maus leitores fixam regressivamente o texto no momento da leitura, todavia maus leitores, com mais frequência.

Desde que se aprende a ler, pratica-se este ato a todo o momento. A qualquer lugar que se olhe encontra-se algo escrito, em paredes, muros, vitrines, murais. Quando são observadas as letras, automaticamente, acontece o processo de decodificação do que está escrito.

Coma base na discussão teórica, pode-se internalizar a ideia de que a leitura não é meramente uma decifração de sinais, mas que há todo um contexto em volta do autor e do leitor e este contexto influencia na interpretação. Além disso, a leitura é um precioso instrumento no contínuo processo da busca pelo conhecimento, pois proporciona o contato com diversos conteúdos e diversas maneiras de compreender o mundo.

### **3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA**

Santos e Boruchovitch (2011) definem estratégias de leitura como sequências, métodos ou atividades escolhidas para facilitar o ato de aprender, e segundo Solé (1998), estas estratégias são formas de trabalhar o desenvolvimento da leitura proficiente. Utilizá-las permite a compreensão e interpretação do texto, tornando assim, uma leitura crítica e reflexiva.

Tais estratégias são desenvolvidas por meio de atividades, sejam elas em sala de aula, desenvolvidas pelo professor, ou de forma autônoma, por pessoas que possuem o interesse de conseguir interpretar e compreender o texto de forma correta.

Santos *et al* (2012) destaca a importância de pensar em atividades de leitura pensando-se na pré-leitura e na pós-leitura. É na pré-leitura que se ativam os conhecimentos prévios, e na pós-leitura se relaciona o texto a outros aspectos

textuais. Por meio deste pensamento, pode-se analisar e relacionar ao ato de compreender e de interpretar o texto.

Pensando em estratégias de leitura visando à pré-leitura, é possível, por exemplo, pensar em atrair o aluno com um resumo sem contar o final ou tornar atrativa a capa do livro, dar um breve *spoiler* dos personagens e suas características.

Na pós-leitura, há a possibilidade de desenvolver atividades que envolvam formas de intertextualidade, como trabalhar com algum livro do qual já se tenha a versão de filme.

Duke e Pearson (2002) apresentam seis estratégias de leitura assim denominadas: *Predição*: prever informações do texto tendo por base, título, subtítulo, capa e afins; *Pensar em voz alta*: no momento de leitura verbalizar os pensamentos; *Analisar a estrutura do texto*: pensar a respeito dos aspectos do texto e fazer uma intertextualidade entre o que está escrito e o conteúdo estudado; *Representação visual*: imaginar uma cena conforme o que está sendo lido; *Sintetizar*: fazer um resumo. Analisar quais são as partes mais importantes e destacá-las; *Questionar*: inferências sobre o texto, ou interpretar e pensar em algo que não está exposto explicitamente.

Outra estratégia de leitura da qual se pode pensar é sublinhar as partes mais relevantes do texto, para que ao final tudo seja assimilado com uma facilidade maior. Segundo Ruiz (2002), quem sublinha está atento à leitura que está sendo feita e descobre a ideia mais importante em cada parágrafo, mantendo-se concentrado e em atitude crítica pelo tempo dedicado à leitura.

Referente a isso, Diniz & Silva (2008, p. 10-11) recomendam os seguintes passos:

I) Leia o texto para obter a visão geral sobre o que foi escrito sem a preocupação de aprender alguma coisa ou discutir as ideias do autor; II) Faça uma segunda leitura (leitura analítica) e anote palavras, termos ou frases ou anotadas em uma folha de papel para serem pesquisadas durante a leitura ou posteriormente. Nesse momento deve ter sempre em mãos um dicionário para esclarecer algumas dúvidas que porventura surjam durante a leitura. Você deve também marcar com um ponto de interrogação dúvidas ou discordâncias sobre o que foi escrito pelo autor; III) Leia novamente o texto e destaque ou sublinhe apenas as palavras essenciais ou palavras-chaves. É muito importante esse sistema de destaque para o aluno, assim ele conseguirá gravar com mais facilidade os termos destacados. Sublinhando apenas o que é realmente importante, ele terá maior facilidade ao retomar ao assunto tratado e terá também aproveitado as partes que mereciam destaque, memorizando com mais facilidade e guardando, assim, o que realmente será utilizável.



Indubitavelmente, essas estratégias propostas pelos autores podem alterar a forma como os alunos encaram a leitura. Utilizando-se delas, a interpretação e a compreensão do texto se tornam algo mais natural para o leitor.

Sendo assim, compreende-se que a leitura é um processo entre o que se reconhece no texto e o que se apropria dele, estratégias dinâmicas de produção de sentido possibilitam as várias condições de interação entre autor e leitor, devendo então, ser entendida como habilidade do sujeito-leitor.

### 3.1 NÍVEIS DE LEITURA

Collaço (1998 apud BEZERRA e TABOSA, 2006), utiliza do pressuposto de que existem três níveis de leitura dos quais os leitores proficientes devem ter dominância. Estes são: explícito, implícito e metaplícito.

O primeiro nível (explícito) refere-se ao que está sendo dito pelo autor de maneira clara, frases que na decodificação já se entende o significado. Neste nível é requisitado técnicas como: resolução do léxico, conhecimento das palavras presentes no texto, leitura fluente, associação dos significados na ordem certa em que aparecem no texto (BEZERRA; TABOZA, 2006).

O segundo, conforme Bezerra e Tabosa (2006) trata-se do que não está escrito de forma clara no texto, e por isso, a sua interpretação se dá por meio de pistas textuais encontradas durante a leitura. Ademais, no nível implícito, o leitor deve ter a atenção voltada de uma maneira ampla para o texto, conectar dados que não estão expostos claramente e reconhecer subentendidos.

Finalmente, o nível metaplícito, em consonância com Bezerra e Tabosa (2006) relaciona-se com a capacidade do indivíduo de reconstruir o contexto no qual o texto foi inserido, trazendo sentido ao mesmo. O leitor levanta hipóteses sobre a situação em que foi escrito. Neste nível é essencial o conhecimento referente ao contexto e à recuperação de outros textos lidos sobre o assunto, para que então, se estabeleça relações intertextuais entre o texto e o que já foi lido anteriormente.

Já nas ponderações de Martins (1994), este classifica a leitura em três níveis diferentes, de modo mais objetivo: (1) *leitura sensorial*: está ligada a todas as sensações iniciais que o leitor pode ter, tato, olfato e audição são alguns exemplos. Acontece com todo tipo de leitura. É como um pré-julgamento. (2) *leitura emocional*: atrai o leitor pelos sentimentos, através do inconsciente passa a ser parte da história.

(3) *leitura racional*: permite a ligação entre autor, leitor e contexto, no qual a leitura se realiza. Fase em que o leitor reflete, crítica e pensa sobre o texto (MARTINS, 1994).

Em suma, estes níveis de leitura funcionam relacionando-se entre si. Seguem uma ordem crescente para que ao fim, possam alcançar o entendimento do texto lido.

### 3.2 TIPOS DE LEITURA

Entre os diversos tipos de leitura que existem, Andrade (2003, p. 19-20) apresenta: 1) leitura de higiene mental ou recreativa; 2) leitura técnica; 3) leitura de informação; e 4) leitura de estudo.

A *leitura de higiene mental ou recreativa* se trata da leitura feita por diversão, para se distrair. A *leitura técnica* envolve a interpretação de gráficos, relatórios técnicos e afins. A *leitura de informação* tem como objetivo adquirir conhecimento. No tocante a *leitura de estudo*, esta envolve múltiplas habilidades que englobam decodificação de palavras, a interpretação e a compreensão do texto (ANDRADE, 2003, grifos nossos).

Bräkling (2004), apresenta alguns tipos de leitura para trabalhar em sala com os alunos para que esta atividade não fique exaustiva. Entre eles podemos citar: a) leitura colaborativa: leitura realizada em conjunto, entre professor e alunos; b) leitura programada: esta forma de leitura geralmente é utilizada em textos maiores, o mesmo é dividido em partes e no final é realizado um debate a respeito do que cada envolvido leu; c) Leitura em voz alta feita pelo professor: esta é recomendada para as séries iniciais, onde os alunos ainda não possuem total domínio sobre a alfabetização; d) leitura autônoma: realizada de forma individual e autônoma, geralmente seguindo alguma recomendação do professor; e) leitura de escolha pessoal: é a possibilidade do aluno escolher o que tem interesse em ler e ao final pode ser compartilhado com os colegas de turma as experiências adquiridas com determinada leitura. f) projetos de leitura: organizados geralmente para o público externo com a finalidade de incentivar o hábito da leitura.

Em síntese, tanto os níveis de leitura quanto os tipos de leitura são importantes para que o leitor consiga ter entendimento e compreensão do que foi lido. São etapas que não devem ser ignoradas, para que se obtenha uma leitura efetiva.

## 4 FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR

Grande porcentagem do conhecimento provém da leitura, no mundo atual ela é o principal meio de construção e da transmissão do conhecimento, contribui, significativamente, à formação do indivíduo, influenciando-o a ter uma visão crítica sobre a sociedade, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo. Ler adequadamente é mais do que decodificar o texto, envolve principalmente, perceber ironia, duplo sentido e entrelinhas. Por esse viés, o bom leitor é aquele capaz de interpretar o texto e não apenas o que lê, de forma meramente mecanizada. Hodiernamente, diversas informações são circuladas a todo momento colocando em dúvida o olhar que se deve ter perante elas, como descreve Matos (2020):

Nosso momento é de grandes polêmicas, muitas delas travadas especialmente no ambiente digital, em que a facilidade de disseminação e a necessidade de visibilidade podem comprometer o grau de certeza no conhecimento derivado de algumas – ou muitas – das leituras que se faz atualmente (MATOS, 2020, p. 18).

Por esse motivo, a leitura crítica é de extrema importância, de acordo com Solé (1998) ter o poder de ler contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, de maneira que, a leitura é um instrumento necessário para que as mesmas consigam conviver em sociedade.

Nessa conjuntura, Calçado (2011) também ressalta que a leitura é extremamente relevante na vida de todos, pois é com ela que se tem acesso a novas informações e se adquire novos conhecimentos.

Logo, a leitura pode ser considerada pelo viés de prazer pessoal e também contribui para o desenvolvimento e personalidade. É essencial para o desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos.

Santos et al., (2012) afirma:

Aprender a ler, é muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. (SANTOS et. al., 2012, p. 41).

Nesse sentido, afirma-se que o hábito da leitura tem o poder de desenvolver a capacidade intelectual das pessoas e a escola é responsável diretamente pelo seu

incentivo. Cabe a mesma direcionar o estudante para esta prática, dependendo da maneira com a qual foi conduzida pode aproximar o aluno deste hábito ou distanciá-lo ainda mais e analisando a forma em que a leitura muitas vezes é trabalhada nas escolas, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) disponibilizam duas concepções que precisam ser superadas em sala de aula “a principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras e sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação” e a segunda “é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto ” (BRASIL, 1998, p. 42-43).

Por conseguinte, é na escola que os alunos aprendem a base para os conceitos sistematizados. Destarte, destaca-se a fala de Vygotsky (1984), na qual ressalta que o professor tem um papel singular no desenvolvimento do indivíduo. E ainda, formar leitores ativos é um processo contínuo e exige dedicação do professor e da escola. Bamberger (1987) apresenta que todas as autoridades do Estado, juntamente dos pais e professores, devem estar cientes da importância da leitura e dos livros para a mudança da sociedade atual e assim, passar este pensamento para os que estão sendo alfabetizados, para que o desenvolvimento dos mesmos neste quesito seja efetivo.

Inclusive, não é possível desvincular o trabalho dos professores e da escola ao aluno leitor, visto que eles possuem papel influenciador, o qual interfere diretamente na formação de sujeitos críticos que possam intervir em contextos sociais. Tal como aborda Paulo Freire (2003):

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (FREIRE, 2003, p. 28).

Silva (1999) também apresenta que, bons professores querem formar estudantes que não sejam inocentes perante a realidade, mas que sejam ativos nas transformações e questões sociais.

Entende-se que o posicionamento da escola deve consistir em desenvolver no educando a capacidade de aprender, moldando suas práticas pedagógicas visando à formação moral e social dos estudantes, os mesmos devem ser amparados por uma

biblioteca que seja capaz de suprir as demandas da leitura, e também com outros ambientes que incentivem este aproveitamento. A formação de novos leitores interessados pela prática não se dá com materiais pouco interessantes. O gosto pela leitura vem quando de certa forma, a qualidade de vida melhora com a prática da mesma (BRASIL, 1988, p. 36).

Sendo assim, a maneira com a qual se trabalha leitura em sala de aula é de grande valia para a relevância que a mesma se dá na vida dos estudantes. Os PCNs (1998) apresentam algumas formas de tornar a atividade mais interativa e proveitosa. Uma das propostas é:

É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura (BRASIL, 1998, p. 42).

Dessa forma, pode-se pensar em uma maneira de incluir a leitura na vida do aluno, partindo dos conhecimentos que já existem em sua vida e do contexto no qual ele está inserido. Tornando o ato de ler algo prazeroso e também de extrema valia para que o indivíduo entenda as articulações da sociedade em que vive.

Segundo Cagliari (2003, p. 48), “Nessa perspectiva é essencial a vinculação da escola com as questões sociais e com os valores democráticos não só do ponto de vista da seleção e tratamento das leituras como também da própria organização escolar”. A leitura deve ser relacionada com a realidade dos estudantes, para que o mesmo reconheça o que está lendo como algo relevante para a sua vida.

Entretanto, a falta da leitura no contexto social no qual o sujeito está incluído tem como consequência a alienação perante as informações que circulam na sociedade. “A leitura mantém uma função importante no mundo atual e tem vantagens claras sobre os meios de comunicação de massa baseados na imagem e na palavra oral” (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005, p.12). Outrossim, a leitura é uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos horizontes de cada um. O leitor passa a compreender melhor o mundo em que vive, assim, derrubando barreiras (MARTINS, 1994).

Para Foucambert (1994) ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é através da leitura que podemos construir respostas. Por isso, é uma ferramenta e

serve para que o indivíduo aprenda a formar opiniões próprias. Quando o ser humano se dá conta do que está lendo, ocorre uma evolução qualitativa, adquirindo autonomia para refletir a respeito do que é lido. Desse modo, Kuenzer (2002) nos apresenta que, quando lemos criticamente perdemos a nossa ingenuidade perante os textos de outras pessoas, haja vista que cada ser humano apresenta um "universo de valores" e isto influencia na escrita.

A respeito disto Silva (2011) também reflete que:

A leitura crítica é a condição para a educação libertadora, é a condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados), será através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, constatar, cotejar e transformar (SILVA, 2011, p. 93).

A leitura crítica não pode ser apenas um julgamento de valor, pois ela analisa o comprometimento do texto com a verdade, além de perceber se há influência de aspectos externos que alteram o entendimento, como religião ou falta de informação. Ademais, refere-se ao levantamento de questionamentos a respeito das informações apresentadas e não se deixar alienar-se por tudo o que circula atualmente (RIPOLL, 2020).

A leitura crítica gera significados, o leitor pode concordar ou discordar sobre o que ali está sendo discorrido. Diferente da decodificação de sinal que é apenas uma reprodução mecânica (BRANDÃO; MICHELITTI, 1998, p. 22).

Em decorrência dessas reflexões, entende-se que é o leitor quem atribui significado ao texto, processando de diversas maneiras as informações que ali estavam presentes. “A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p.13).

Compreende-se, portanto que, a leitura crítica é capaz de fazer com que o indivíduo tenha dúvidas referentes aos textos e notícias que circulam na sociedade e é através dessas dúvidas e reflexões constantes que em um futuro próximo a sociedade pode ter mais pessoas transformadoras, conforme enuncia Corrêa et al., (2020).

O que vemos hoje (isso sim, graças à tecnologia digital) é uma união de grupos de pessoas cujas ideias concatenadas ignoram os fatos em si, e que

partem para a criação de argumentos insustentáveis, porém, bem construídos, capazes de arregimentar multidões que se identificam com seus discursos (CORRÊA et al., 2020, p. 25).

Assim sendo, com este olhar crítico para os textos, o sujeito desfaz o universo de certezas no qual está inserido, derruba qualquer tipo de conformismo e submissão em relação às ideias que os textos impõem (SILVA, 2002). A leitura e a autonomia são processos que estão juntos. Um indivíduo crítico e autônomo não irá se contentar em ler textos e afins que não lhe atribuam novas relações de ideias. Por conseguinte, “todas essas ações subjacentes ao trabalho de interlocução do leitor crítico podem ser amalgamadas num único conceito, qual seja o de POSICIONAMENTO” (SILVA, 2002, p. 29).

Por isso, não se pode desvincular um sujeito crítico da sua condição de cidadão, pois ambos andam juntos. Em consonância com Ximenes (2000, p. 170), este apresenta que, “cidadania é a condição de cidadão” e “cidadão é o indivíduo no pleno gozo de seus direitos políticos e civis”. Logo, quando trazemos o conceito de cidadania pode-se ligar a ideia de composição da consciência crítica, política e social dos indivíduos. Inquestionavelmente, a leitura torna possível a formação de cidadãos críticos, já que é por meio dela que os indivíduos conseguem construir novas relações, com informações apresentadas de uma forma crítica e autônoma.

Portanto, ler é muito mais que decifrar um código escrito, conforme foi percorrido, a preocupação não deve ser apenas com os elementos formais e tradicionais do texto, mas em todo contexto em volta do que está sendo exposto, para que ao final ocorra a atribuição de sentido e de interpretação do que foi lido.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de tudo que foi exposto, pode ser observado a relevância do ato da leitura, influenciando na forma de comunicação com as pessoas e a maneira de encarar a sociedade. A leitura é a habilidade mais efetiva de transmitir e produzir conhecimentos. Em razão disso, deve-se internalizar que, para que a leitura seja significativa é essencial que ocorra compreensão e não apenas a decodificação. Sem esta compreensão, ela se torna apenas uma cópia, sem reflexão a respeito do que está sendo lido.

Sob essa perspectiva, pensa-se em um ensino completo que possui como base principal a leitura, por isso a necessidade da análise de vários aspectos que a compreende, pois é entendendo como funciona todo o processo que é possível explicar a formação do sujeito crítico. Ler é pertencer a um mundo que se renova a todo momento, com novas ideias e pensamentos.

Destaca-se ainda, nessas investigações, que o hábito de ler não é inato do ser humano, então, cabe aos pais, professores, colégio e Estado o incentivo a essa prática. É evidente as dificuldades que os alunos passam no processo da leitura, no qual é apenas incentivado o processo de decodificação e não a interpretação de forma sucinta, visto que a leitura sempre foi o meio mais utilizado para o aprendizado. Além disso, ler é estar ciente dos pensamentos e ideias que se renovam a cada dia, com o pensamento crítico desenvolvido o aluno estará apto a buscar cada vez mais conhecimento e usar a leitura como forma de interação. Sabe-se também que não é fácil, já que as próprias instituições de ensino, muitas vezes, não possuem estruturas para dar este incentivo.

Infelizmente, evidencia-se que no Brasil, ainda se faz necessário que este assunto seja abordado, cada vez mais, para que em um futuro próximo, os dados a respeito da leitura sejam melhores e com mais leitores críticos dispostos a refletir sobre o cenário brasileiro.

À guisa de conclusão, torna-se claro a relevância de formar sujeitos ativos, seres pensantes, críticos, que se questionam a respeito do tipo de leitura que está sendo feita em um ambiente que é sobrecarregado de informação. Sendo assim, o valor de um indivíduo leitor está muito além da simples decodificação de palavras aprendidas durante a alfabetização. Ao contrário, está em preparar pessoas para refletir a respeito de cada texto escrito.



## REFERÊNCIAS

ALLIENDE, F; CONDEMARÍN, M. **A leitura teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANDRADE, M. Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BEZERRA, M. A.; TABOSA, M. Q. **Habilidades de leitura requeridas e demonstradas em provas de vestibular**. Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

BRANDÃO, H. H. N; MICHELETTI, G. **Teoria e prática da leitura**. São Paulo: Cortez, 1998.

BRÄKLING, K L. Glossário CEALE. **Termos de alfabetização Leitura e escrita para educadores**. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quarto ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, L. S. **Processos psicolinguísticos de leitura e a criança**. Letras de hoje. Porto Alegre, 1986.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

CALÇADO, C. **Amar e Educar**. Gama, DF. 2011. Disponível em: <http://cristianecalcado.blogspot.com.br/2011/07/projeto-sacola-literaria.html>. Acessado em: 27 set. 2021.

COLAÇO, M. **Níveis de processamento de sentido**. Congresso Nacional de Linguagem e Ensino. Pelotas, UCPel, 1998.

CANDAU, V. M (org). **Didática, Currículo e Saberes Escolares**. X ENDIPE. 2. ed. Rio de Janeiro, 2002.

DINIZ, C R; SILVA, I. B da. **Leitura: Análise e Interpretação**. 21. ed. Campina Grande, Natal, 2008.

DUKE, N; PEARSON, D. **Effective practices for developing reading comprehension**. Em A. E. Farstrup & S. J. Samuels (Orgs.), 2002.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **A alfabetização de adultos**: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitura**: Aspectos cognitivos da Leitura. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KUENZER, A. Z. **A escola desnuda**: reflexões sobre a possibilidade de construir o ensino médio para os que vivem do trabalho. Brasília, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LEFFA, J. V. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 74).

RIPOLL, L. *et al.* **Leitura crítica na contemporaneidade, abordagens multidisciplinares**. Florianópolis, 2020.

SANTOS, O. J. X.; BORUCHOVITCH, E. **Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender**: concepções e conhecimento de professores. Ciência e Profissão, 2011.

SANTOS, J. D. A. dos; ROSA, A.C.; MELO, A. K. D. **O Uso Das Tecnologias Na Educação De Jovens E Adultos**: Reflexões Sobre Um Relato De Experiência. 3º simpósio educação e comunicação – infoinclusão: possibilidades de ensinar e aprender. 17 a 19 de setembro de 2012.

SILVA, C. S. B da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade.** São Paulo: Autores Associados, 1999.

SILVA, R. C. C. M. FERREIRA, S. R. N. **Práxis Docente: o sujeito, as possibilidades e a educação.** Faculdade Educacional da Lapa, Curitiba: Editora Fael, 2011.

SILVA, A. M. M. **Da Didática em Questão às Questões da Didática.** CANDAU, Vera Maria (org). Didática, Currículo e Saberes Escolares X ENDIPE. 2.ed. Rio de Janeiro, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Porto alegre: Artes médicas, 1998.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de didática.** Campinas: Papirus, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.